

Efemeridades

FLÁVIO ULHOA COELHO

intransitiva
• revista

CICATRIZES DA CONTEMPORANEIDADE (V. 5, N. 1, 2021)

Efemeridades

Flávio Ulhoa Coelho —

Abro os olhos, mais um dia. E vejo os seus, oblíquos e claros, a me encararem, sorriso amplo esperando por mim. Você parece não envelhecer, o eterno brilho que deslumbra a tantos, ao contrário de mim que sinto as dores desses anos todos. Digo um expansivo bom dia e você só reforça seu belo sorriso. Sorrio de volta, não esperaria nada além disso nessa hora do dia.

Sento-me na cama, mãos sobre o rosto, mais um dia, mais um, é preciso se acostumar com essa nova rotina. Sei lá quanto tempo fico assim, parado e pensativo, mãos sobre o rosto, sentado. Só sei que foi o suficiente para perceber a já presente luminosidade no quarto. Que horas seriam? Busco o celular na mesinha de cabeceira e lá estamos nós, selfie frente ao prateado Rio Tejo de final de dia, nossa foto favorita.

Quanto tempo isso? Sei lá, você parece não envelhecer, só eu. Onde teria parado essa camisa que então vestia?



Distraí-me olhar para ti, mas logo encaro o resto do quarto e já não te vejo por lá, o reflexo me faz virar e olhar para a porta como se a buscar ainda um rabicho de ti se distanciando naquele passo ligeiro que te é usual, vai preparar o café, não é? O meu com pouco açúcar, resmungo esperando ser obedecido desta vez. É a diabete, tu sabes, ou melhor, mesmo antes dela eu já achava teu café muito doce, mania essa que tens de coar o pó junto ao açúcar, tudo misturado. Lembras? Faz tanto tempo que nos conhecemos, tempo demais para tão poucas desavenças, como essa do café com açúcar. Foram mais do que poucas desavenças? Achas? Tá, concedo mais uma vez à tua opinião, foram mais do que poucas, mas o que importa isso agora?

Desavenças, mas também tantos segredos compartilhados, explícitos ou não, imagens reais ou sonhadas, lembranças, viagens... tanto tempo que já sei de cor os seus olhares. Teus ou seus, nossa existência mistura tudo nessa altura da vida, né? Seus ou teus, meras questões de retórica, dirão os amigos.

Nós nos conhecemos naquela ida à fazenda da tia, não foi? Tempão isso, verão, né? Primos distantes, mas nem tanto assim que você demorou para me permitir um beijo, mesmo escondidos do mundo que estávamos lá atrás do curral. Sei, sei, eu era afobado, nem precisa dizer que eu sei. Ainda bem que o verão foi longo o suficiente para você finalmente ceder. Beijo esquisito, molhado, você ainda abria muito a boca e eu não sabia o que fazer com a língua. Você também deve estar rindo dessas lembranças, né? Perdoemos, éramos para lá de jovens, quase crianças.

Hora de levantar, cara!

Busco o outro banheiro para me lavar, esse apartamento tem estado meio vazio esses dias. Sou mais ágil nessas coisas e logo estou na sala olhando pela janela, tempo voando feito essa andorinha que me distrai e me distrai, bom viver no sétimo andar, perto do parque. Deve ser domingo, tudo fechado. Não, é quinta, sim, quinta, pois ontem foi quarta e amanhã será sexta. Quinta, definitivamente, e logo nossos filhos deixarão na porta da frente algumas compras, ouviremos um toque de campainha, disseram que devemos esperar eles saírem para só então abrir a porta. E eu respeito

direitinho. Você ri, mas eu sou muito obediente... rrsrs. Desinfetar tudo e pronto, mais uma semana de sobrevivência garantida. Quem imaginou na vida que seria preciso passar álcool em gel nos pacotes de bolachas *Água e Sal*? A propósito, não se esqueça de colocar na lista da próxima semana, mais bolachas.

E mais *alquingel*, como se diz por aqui... rio, rimos, como é bom te ver rir, com a cabeça jogada para trás, dentes aparecendo, cabelos esvoaçantes e tudo imóvel, como se o tempo não estivesse passando. Não passa para ti, invejo...

Sim, teu riso preenche a sala, desde o canto ao lado do sofá até o outro extremo junto à porta da cozinha. Esse café sai ou não sai? Aliás, devo ter perdido o olfato, o teu café já não cheira como antigamente.

Já deveriam ter chegado, nossos filhos demoram por demais hoje e me distraio olhando as fotos no aparador da sala. Lá estão vocês, nós quatro, a que nunca envelhece, nosso casal de filhos ainda sem netos e eu ainda com cabelo. Aproveito e conto a vocês um pouco de meus dias por aqui, não que eles estejam muito distintos dos do passado, mas vocês agora parecem me ouvir com mais atenção, talvez os netos tenham mostrado como a vida é de fato, talvez as perdas já tenham se acumulado a ponto de perceber que nem tudo é prazeroso como na praia em que estamos na foto, tomem cuidado com as ondas, filhos, aqui o mar é traiçoeiro. A casa alugada naquele verão já nem existe mais, a vida mudou muito desde então, cuidado com as ondas, filhos, é preciso ouvir os mais velhos, ouçam sua mãe ao menos se preferem me ignorar. Ao menos ela que sempre foi mais próxima a vocês, ouçam ao menos ela, mesmo agora, se querem me evitar.

Pé de areia, vigiamos, de longe, os dois entrarem na água, ainda meio adolescentes em busca da vida, qual nós já fomos um dia, conversamos debaixo do guarda-sol, projetamos futuros, relembramos o susto do ano anterior, por isso esse cuidado todo. Filhos, obedçam, não se lembram de como foi difícil aquelas noites no hospital depois do acidente? Sorrimos agora, fora só um susto, mas não queremos de novo, né? Cuidado, filhos, o mar traiçoeiro... A foto me lembra a alegria daquele verão, do mar, da

praia, de uma vida passada em um tempo que parecia não passar. E do susto, a foto não me faz esquecer disso.

Mas susto mesmo foi com o senhor, né não, pai? Sabemos que essa calma com que se exhibe agora na parede oposta, olhar tranquilo, sorriso maroto, é, nada disso, calma, tranquilidade ou marotice, pertenceu àquele fatídico dia do enfarte, nem quero pensar! Não devo, não quero... de qualquer forma, tanto tempo se foi, tinha até esquecido.

A campainha toca e eu grito em direção à cozinha: *pode deixar que eu atendo*. Ou não atendo, são eles, devo esperar que coloquem as compras na porta e só então abrir. Quem virá hoje? Ela ou ele? Vou até o olho mágico, nada me impede de tentar ver quem era, mas mal percebo a porta do elevador se fechar. Foi ela, ela e a neta, não foi? Ao menos pareceu, ou imaginei, ou esperei que fosse já que semana passada tinha sido o irmão mais velho, nosso primogênito. Tento confirmar contigo, não consigo uma resposta sequer, mas tampouco tu a viste, né não?

Obrigado, grito sem esperança de ser ouvido a quem quer que tenha vindo hoje trazer nossa cesta semanal. Em todo o caso, espero por alguma resposta, alguma voz que nos anime o dia, né não, querida? Sei que vocês estão também muito atarefados, o tal do home office, as aulas à distância para as crianças, e sei que ainda não me perdoaram, sei que devo muitos pedidos de desculpas, sei que minha rabugice ofendeu muito vocês, mas não dá para relevar um pouco isso, não? Aparecer só para um alô, quanto tempo isso iria durar, nem atrapalha. Um pequeno sacrifício e só. É preciso insistir nisso por todo esse tempo? Por que vocês não me visitam mais? Não sabem como foi tudo tão difícil naquela época?

Minha neta, a mais velha, mostra com seu sorriso desdentado e escancarado que soube me perdoar, não é querida? Por que vocês também não me perdoam? Ela, sim, me olha com o olhar da avó e com a sua mesma convicção de que nada deve ser eterno, nem mesmo a raiva. Eu não queria ver ninguém naqueles dias, naqueles dias em que certos olhos se distanciaram de mim para sempre, vocês não conseguem me entender mesmo? Não que as crianças me aborrecessem, nunca disse isso, ou não dessa forma,

só quis dizer o que me incomodava realmente, mas errei no tom, vocês me entenderam errado, tão errado e aí, de pirraça, só pode ser de pirraça, não as trouxeram mais aqui para ver o avô.

Sim, a pandemia, isso entendo, isso eu entendo, mas nenhuma mágoa deveria ser eterna, aceitem, por favor, ao menos isso.

Tenho saudades, encaro a foto da escadinha, netos, netas e eu lado a lado em ordem cronológica, quando foi mesmo que tiramos isso? Natal? Meu aniversário? Estão todos tão felizes, sorriem, mas minha cara era de susto, não de contrariedade, entendam.

O que não falta por aqui é foto, pregadas nas paredes ou em cima dos móveis, de tudo quanto é lugar onde estivemos, de todos nós, juntos ou separados. De todos, sem distinção, não há preferidos por aqui, reafirmo isso em voz bem alta, todos merecem ouvir, enquanto dou banhos em pacotes de comida. Sei que tu ficarás em silêncio nessas horas, até aceito isso de ti. Sim, é preciso nos concentrarmos nos afazeres, uma bobeadas e basta, estaremos contaminados. Grupo de risco, sei. E sei também que não gostas de discutir nada disso, mas para mim é importante dizer. Ficarás muda no almoço que mais uma vez improvisarei enquanto eu insistir em te convencer do suposto mal-entendido entre eles e eu. Me deixarás sozinho vendo o final do jornal do meio-dia, lavando a louça, cochilando no sofá de tanto esforço feito, fazendo minhas palavras cruzadas diárias, lendo aquele livro pela enésima vez, gosto dele, o que é que tem relê-lo uma vez mais? Tão pouco há a se fazer nesses longos dias e tão poucos livros nessa nossa prateleira. Pare de me olhar assim!

Quando me dou conta, escuro, noite, o painel do dia me acorda, vou à janela para ver quem faz tanto barulho. Preciso comer algo, bem que você poderia ter me avisado que dormi tanto, encaro sua cara silenciosa e fingidamente carrancuda. Ou debochada, sei lá, são muitas as suas caras que me divirto só de olhá-las. Mas sei que no meio de tantas faces alinhadas lado a lado no móvel da TV só você me aguentou até o final, só você ainda sorriu para mim quando eu precisei de um apoio, eterno sorriso que não parece envelhecer nunca.

Só você parece ter ficado por perto.

Sim, os fantasmas ainda me contestam rudemente, frequentemente me desafiam, agridem sem dó. Mas você não, sinto seu respeitoso silêncio dia após dia, o silêncio de quem sente carinho, de quem perdoa. Ou me engano?

São Paulo, quarentena de 2020

Sobre o autor

Flávio Ulhoa Coelho, paulistano, é professor na Universidade de São Paulo. Seu primeiro livro, *Contos que conto*, foi publicado em 1991 como premiação da 5ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Desde então, publicou outros nove livros, a maioria de contos. Suas últimas publicações incluem: *Pigarreios* (romance, Editora Chiado, 2016), *Guarda-Trecos* (infantil, Belo Dia Editora, 2017) e *outros tantos* (contos, Editora PENALUX, 2019). Tem contos publicados em diversas antologias e na *Revista Brasileira* (da Academia Brasileira de Letras).